

Manuel Correia de Andrade: em pequenos textos, o mundo

[*Manuel Correia de Andrade: in small texts, the world*]

Dulcilia Helena Schroeder Buitoni¹

Agradecemos a Valéria Valente, coordenadora do Atendimento ao Pesquisador do Arquivo IEB/USP, que nos ajudou na busca de documentos, e a Caetana Britto, coordenadora do Projeto Manuel Correia de Andrade (PMCA), que forneceu imagens de livros da biblioteca do acervo do acadêmico pernambucano doado ao IEB.

RESUMO • A seção Documentação abre espaço para originais de textos do geógrafo Manuel Correia de Andrade e para imagens de livros de sua biblioteca. São documentos que fazem parte do imenso acervo doado ao Instituto de Estudos Brasileiros, acervo esse que está em processo de higienização e catalogação. Foram selecionados trechos que mostram como esse intelectual articulava pesquisa, cultura e contexto político e social. Aparecem temas como desenvolvimento, pobreza, questões ambientais, corrupção e pensamento decolonial – pioneirismo, pois esse conceito ainda não havia se introduzido nos meios acadêmicos brasileiros. • **PALAVRAS-CHAVE** • Manuel Correia de Andrade; documentos originais; questões sociais. •

ABSTRACT • The Documentation section makes room for original texts by geographer Manuel Correia de Andrade and for images of books from his library. These are documents that are part of the immense collection donated to the Institute of Brazilian Studies, a collection that is in the process of being cleaned and catalogued. Excerpts were selected that show how this intellectual articulated research, culture and political and social context. Topics such as development, poverty, environmental issues, corruption and decolonial thinking appear – pioneering, as this concept had not yet been introduced into Brazilian academic circles. • **KEYWORDS** • Manuel Correia de Andrade; original documents; social questions. •

Recebido em 29 de novembro de 2023

Aprovado em 5 de dezembro de 2023

BUITONI, Dulcilia Helena Schroeder. Manuel Correia de Andrade: em pequenos textos, o mundo. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 86, p. 186-199, dez. 2023.



DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v1i86p186-199>

¹ Universidade de São Paulo (USP, São Paulo, SP, Brasil).

O Instituto de Estudos Brasileiros começou a receber o acervo de Manuel Correia de Andrade na segunda década do século XXI: cerca de 80 mil itens, reunindo mais de 60 mil livros e documentos variados, que levaram anos para serem transportados do Nordeste até o IEB. Foi necessário fazer um projeto para o processamento de toda essa coleção: o Projeto Manuel Correia de Andrade (PMCA), que foi iniciado em setembro de 2022 e visa a preservação e a divulgação desse acervo, doado pela família do acadêmico pernambucano Manuel Correia de Andrade. Sua biblioteca pessoal, iniciada por seu pai e por seu avô, reúne volumes e periódicos que documentam muito das culturas brasileiras. O projeto desenvolve ações de conservação, catalogação para a preservação e extroversão com o objetivo de assegurar a sustentabilidade desse acervo. Já estão catalogados e disponíveis para consulta 5,304 livros.

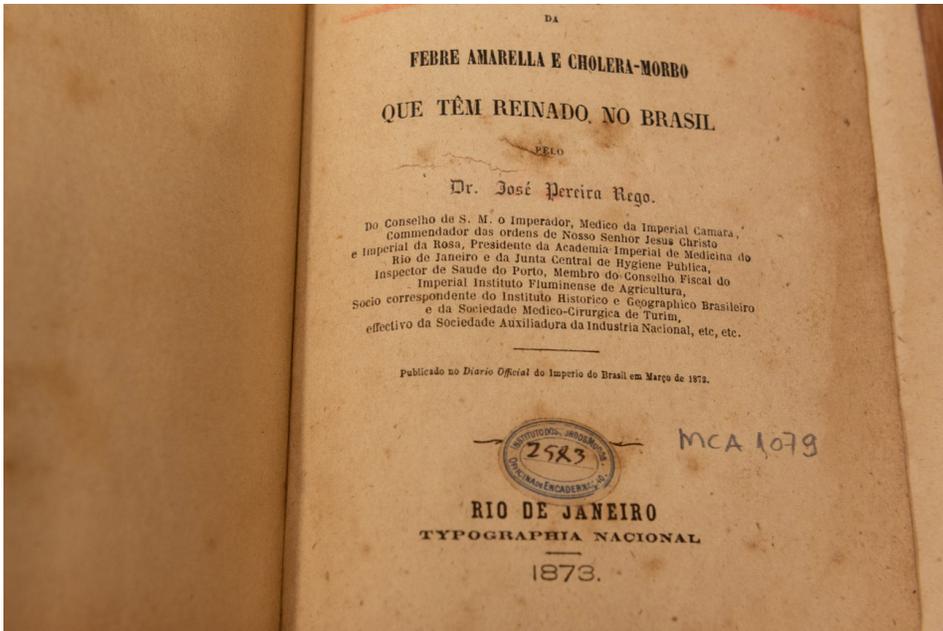


Figura 1 – Livro de José Pereira Rego sobre febre amarela e cólera publicado no Brasil em 1873. Biblioteca Manuel Correia de Andrade. Projeto Manuel Correia de Andrade (em catalogação). Foto: Estúdio Garagem

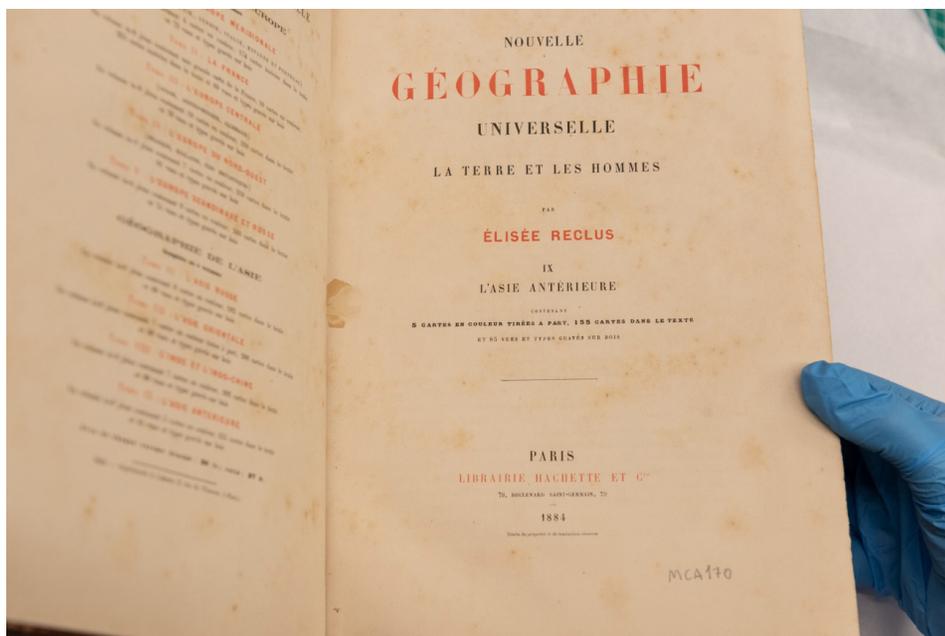


Figura 2 – Livro de Élisée Reclus sobre geografia editado em Paris, França, em 1884. Biblioteca Manuel Correia de Andrade. Projeto Manuel Correia de Andrade (em catalogação). Foto: Estúdio Garagem

Manuel Correia de Andrade (1922–2007) foi um dos mais importantes acadêmicos brasileiros do século XX. Geógrafo, historiador, advogado e professor com extensa produção bibliográfica, que redefiniu conceitos sobre o Nordeste, trabalhando com questões de espaço, agricultura, reforma agrária, industrialização, desigualdade social, ecologia, sempre incluindo contextos políticos e históricos. Nascido no Engenho Jundiá, em Vicência, na zona da mata de Pernambuco. Queria cursar Ciências Sociais, mas o curso ainda não existia em Pernambuco; formou-se então em Direito. Em 1943 foi fundada a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Manuel da Nóbrega, que iria se tornar a Universidade Católica de Pernambuco. Lá, Manuel Correia cursou a licenciatura em Geografia e História. Entusiasmado com os livros de Caio Prado Junior, já na década de 1940 começou a escrever para jornais e revistas universitárias acerca dos temas regionais e políticos que marcariam sua trajetória intelectual e cidadã. Ensinou Geografia e História em vários colégios recifenses e Geografia Física na Faculdade de Filosofia do Recife da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), onde era professor desde 1952. Aposentou-se oficialmente em 1985, mas continuou atuante como docente e pesquisador até o fim da vida. Foi responsável pela criação do Mestrado em Geografia na UFPE no final da década de 1970.

Seu posicionamento nos movimentos reivindicatórios democráticos durante o Estado Novo ocasionou escritos sobre reformas econômicas e sociais. Juntamente com Gilberto Freyre, lutou contra a ditadura de Getúlio Vargas em favor da redemocratização do Brasil, fato que o levou à prisão. Também foi preso em 1964 por sua militância: entre outras ações, defendia a Reforma Agrária e também por

dirigir o Grupo Executivo de Produção de Alimentos (Gepa), órgão criado pelo governador Miguel Arraes.

O Projeto Manuel Correia de Andrade é formado por um conjunto de ações de preservação do seu acervo, cujo termo de doação ao Instituto de Estudos Brasileiros foi assinado pela viúva do geógrafo em 2008. No artigo “A construção de uma Biblioteca na trajetória de Manuel Correia de Andrade”, no número 60 (abril de 2015) da *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Marta Amoroso e Paulo Teixeira Lumatti contam sobre a visita técnica que realizaram entre 22 e 24 de abril de 2008 ao acervo que estava em Pernambuco. Mostram então como esse intelectual construiu sua biblioteca diretamente relacionada com suas preocupações de pesquisa, docência, militância e participação na resolução dos grandes problemas brasileiros. Apontam ainda as possibilidades de exploração dessa biblioteca e o seu valor para os estudos brasileiros.

Apresentamos a seguir originais de artigos escritos e corrigidos por esse grande autor, pioneiro da geografia moderna brasileira, que desenvolveu e criou um original pensamento geográfico. É importante notar que esses documentos ainda estão em fase de tratamento pelo Projeto Manuel Correia de Andrade, sendo uma forma de divulgar um material que ainda está em processo no IEB. Reunimos textos originais que foram corrigidos à mão pelo próprio Manuel Correia de Andrade. Seleccionamos trechos que mostram as inquietações políticas desse geógrafo que tanto relacionou território e sociedade.

Em “Um processo de desalienação”, que seria fala de abertura de um seminário da Cátedra Gilberto Freyre, da Universidade Federal de Pernambuco, destacamos o início de sua preocupação decolonial:

Nós, brasileiros, estamos permanentemente diante do dilema de compreender e de explicar o Brasil, ou os Brasis. Será que há um só Brasil ou que neste imenso território de mais de oito milhões de quilômetros quadrados não existirão vários Brasis, unidos pelo laço federativo ou apenas pela tradição. Como explicar em uma hora de crise como essa que estamos vivendo, que o país tenha atravessado séculos sem fazer uma grande reforma nesse processo de colonização que o português implantou em nosso território, quando dele se apossou².

2 Na transcrição dos trechos e nos títulos dos textos de Manuel Correia de Andrade, mantivemos a grafia e a pontuação dos originais. Salientamos que os textos foram escritos para serem lidos.

Um processo de desalienação

Manuel Correia de Andrade

O brasileiro ^{está} permanentemente diante ^{de} um dilema ^{de} compreender e de explicar o Brasil, ou os ^{brasis}. Será que há um só Brasil ou que ^{em} este imenso território de mais de ^{sete} milhões de quilômetros quadrados ^{não} existem ^{vários} países, unidos pelo laço federativo ou apenas pela tradição. Como ^{se} explicar em uma hora de crise ^{como} ^{esta} que estamos vivendo, que o país tenha atravessado séculos sem fazer uma ^{grande} reforma ^{nessa} processo de colonização que o português ^{implantou} em nosso território quando ^{se} ^{apossou} de ^{mesmo}.

Daí, ^{da} Cátedra Gilberto Freyre, ^{da} Universidade Federal de Pernambuco, preocupada com os ensinamentos do mestre e com ^o ^{comprensão} do país, ^{vem} vir realizando, anualmente, um seminário nacional sobre os fatos mais marcantes de nossa história, e ^{em} que os grandes pensadores ^{de} ^{seu} tempo ^{discutem} sobre o mesmo. ^{Este} ano, ^{com} o apoio de várias instituições, como as Universidades Federais de Pernambuco e a ^{Universidade} Federal de Pernambuco, e universidades de São Paulo, do Rio de Janeiro, de Brasília, de Ceará, do Rio Grande do Norte e ^{de} ~~do~~ Paraíba, ^{se} realizará um seminário que terá como tema central a Revolução de ^{Trinta}. Revolução que não se realizou plenamente, como acontece com todas as revoluções, mas que abalou estruturas ^{que} ^{se} ^{formaram} no período colonial, se resguardaram no Imperial e conseguiram sobreviver na Primeira República.

^{Como} parte dos debates sobre este movimento, ^{após} ^o ^{debate} sobre a chamada Revolução de Trinta, ^{se} ^{pre-}

Figura 3 – Início do texto “Um processo de desalienação”, corrigido por Manuel Correia de Andrade, com anotações escritas à mão. Arquivo IEB/USP, Fundo Manuel Correia de Andrade, código de referência MCA-TEX-088

UM PROCESSO DE DESALIEENAÇÃO

Manuel Correia de Andrade.

Nós, brasileiros, estamos permanentemente diante do dilema de compreender e de explicar o Brasil, ou os Brasis. Será que há um só Brasil ou que neste imenso território de mais de oito milhões de quilômetros quadrados não existirão vários Brasis, unidos pelo laço federativo ou apenas pela tradição. Como explicar em uma hora de crise como essa que estamos vivendo, que o país tenha atravessado séculos sem fazer uma grande reforma nesse processo de colonização que o português implantou em nosso território, quando dele se apossou. /10

A Cátedra Gilberto Freyre, da Universidade Federal de Pernambuco, preocupada com os ensinamentos do mestre e com os problemas do país, vem realizando, anualmente, um seminário nacional sobre os fatos mais marcantes de nossa história, e o que os grandes pensadores dizem sobre os mesmos. Neste ano, com o apoio de várias instituições, como a Universidade Federal de Pernambuco e a Universidade Federal Rural de Pernambuco, a FACEPE, o IPESPE, e Universidades de São Paulo, do Rio de Janeiro, de Brasília, do Ceará, do Rio Grande do Norte e da Paraíba, ela realizará mais um seminário que terá como tema central a Revolução de Trinta. Revolução que não se realizou plenamente, como acontece com todas as revoluções, mas que abalou as estruturas que se formaram no período colonial, se resguardaram no Imperial e conseguiram sobreviver na Primeira República.

Como parte dos debates sobre este movimento, serão discutidos os pensamentos de ensaístas que se formaram no período que o precedeu e que encararam o Brasil de formas as mais diversas.

Estes ensaístas seriam, o grande sociólogo Florestan Fernandes, professor da USP, discípulo de Roger Bastide, que partiu de uma sociologia funcionalista, para alcançar posições críticas, fixando – se em posições marxistas. Este fato o levou a ser apontado e perseguido pelo governo militar de 1964; ele, porém, não esmoreceu, continuou lecionando em universidades não oficiais e no exterior, escrevendo e exercendo o mandato de deputado federal por dois mandatos até a morte. representado /10

Em seguida ^{Teófilo} teríamos uma figura muito ligada ao Nordeste, a do economista Celso Furtado, paraibano de Pombal, oficial da Força Expedicionária Brasileira, professor e escritor que no governo J.K foi o criador e implantador da SUDENE.

Figura 4 – Início do texto “Um processo de desalienação”, ainda sendo corrigido por Manuel Correia de Andrade, com anotações escritas à mão. Arquivo IEB/USP, Fundo Manuel Correia de Andrade, código de referência MCA-TEX-089

Já em “Pobreza, miséria e sub-desenvolvimento”, Manuel Correia de Andrade aconselha que sejam lidos livros de ficção, numa ampliação da pesquisa científica:

Para se entender a pobreza dominante nos vários países da América Latina e da África, ler apenas os livros de história e de ciências sociais não é o suficiente, é necessário que se leia também os livros de ficção, os romances, as novelas e os contos escritos por literatos do mais alto nível, onde eles contam a vida do país ou da região, preocupados com a situação das classes em geral e não apenas das menos favorecidas. Por isso, somos entusiastas dos livros de escritores latino-americanos, como Asturias, que retrata bem a situação da Guatemala, país predominantemente indígena, sufocada por uma elite que explora a maioria de sua população; de Vargas Llosa, que ultimamente

mudou sua orientação política, abandonou as ideias da juventude e passou a escrever livros excepcionais, passados no Peru e na República Dominicana; de Jorge Icaza, com o retrato que faz da sociedade equatoriana; ou do colombiano, certamente o maior de todos, Gabriel Garcia Marques, famoso por livros como *Cem Anos de Solidão*, *O Outono do Patriarca* e agora, na velhice, surge com o seu *Memórias de Minhas Putas Tristes*.

MCA-TEX-095

Pobreza, miséria e sub-desenvolvimento

Manuel Correia de Andrade

Para ^{se} entender a pobreza dominante nos vários países da América Latina e da África, ^é necessário ^{que se leia} apenas os livros de história e de ciências sociais, ^{mas} que se leia também os livros de ficção, romances, ^{novelas e} contos escritos por literatos do ^{mais} alto nível, ^{que} conta a vida do ^{seu} país ou da ^{sua} região, preocupados com a situação das classes ^{menor} favorecidas. Por isto, sou ^{um} entusiasta dos livros de escritores latino-americanos, como Asturias, que retrata bem a situação da Guatemala, país predominantemente indígena, ^é ^{sufocado} por uma elite que explora a maioria da população; ^{dominante} indígena; de Vargas Llosa, que ^{últimamente} mudou a sua orientação política, ^é ^{abandonou} as suas ideias da juventude ^{que} nos ^{seu} livros excepcionais, passados ^{em} seus países, o Peru e na República Dominicana; de Jorge Icaza, com o retrato que faz da sociedade equatoriana, ou ^{do} colombiano, certamente o maior de todos, Gabriel Garcia Marques, famoso por livros como *Cem anos de Solidão*, ^é *O Outono do Patriarca* e ^{que} agora, na velhice, ^{será} ^{que} os grandes ^{espíritos} ^{enviesados} com o seu *Memórias de Minhas Putas Tristes*.

Neste pequeno livro, passado em uma cidade colombiana do baixo Magdalena, ^{na} região caribenha, ele retrata a figura de um jornalista que ficou na província, escrevendo crônicas domingueiras para um jornal local e que, ao completar noventa anos de idade, solicita o apoio de uma cafetina, para que ela ^{lhe} conseguisse, por uma noite, uma jovem e virgem. ^{Este} ^{que}, naturalmente, espantou a

①

Figura 5 – Início do texto “Pobreza, miséria e sub-desenvolvimento”, corrigido por Manuel Correia de Andrade, com anotações escritas à mão. Arquivo IEB/USP, Fundo Manuel Correia de Andrade, código de referência MCA-TEX-095

POBREZA, MISÉRIA, E SUB – DESENVOLVIMENTO.

Manoel Correia de Andrade

Para se entender a pobreza dominante nos vários países da América Latina e da África, ler apenas os livros de história e de ciência sociais não é o suficiente, é necessário que se leia também os livros de ficção, os romances, as novelas e os contos escritos por literatos do mais alto nível, onde eles contam a vida do país ou da região, preocupados com a situação das classes em geral e não apenas das menos favorecidas. Por isto, somos entusiasmados dos livros de escritores latino-americanos, como Asturias, que retrata bem a situação da Guatemala, país predominantemente indígena, sufocado por uma elite que explora a maioria de sua população; de Vargas Llosa, que ultimamente mudou sua orientação política, abandonou as idéias de juventude e passou a escrever livros excepcionais, passados no Peru e na República Dominicana; de Jorge Icaza, com o retrato que faz da sociedade equatoriana, ou do colombiano, certamente o maior de todos, Gabriel Garcia Marquez, famoso por livros como Cem anos de Solidão, o Outono do Patriarca e agora, na velhice, surge com o seu Memórias de Minhas Putas Tristes. / 1/5 / da / ; / A

Neste livro, passando em uma cidade colombiana do baixo Magdalena, região caribenha, ele retrata a figura de um jornalista que ficou na província, escrevendo crônicas domingueiras para um jornal local e que, ao completar noventa anos de idade, solicitou o apoio de uma cafetina, para que ela lhe conseguisse, por uma noite, uma jovem virgem. Este pedido, naturalmente, espantou a mulher, como encontraria ela uma jovem, virgem, para atender aos desejos do velho jornalista. /

Em torno dessa pretensão e do trabalho levado a cabo pela cafetina protetora, o romancista descreve toda uma teia de fatos, de envoltimentos e de negócios onde se vê a situação dos bairros periféricos das cidades médias da América Latina. Como o preço da carne negociada pela cafetina era baixo e como as mercadoras do sexo se vendiam, em vista do baixo salário que recebiam nas fábricas, e do tremendo esforço que tinham que fazer para adquirir “o pão nosso de cada dia”, onde a decadência econômica de uma cidade levava um velho armazém a se transformar numa pensão do baixo meretrício. / 1/8 Médias / 1, 1, 1,

Figura 6 – Início do texto “Pobreza, miséria e sub-desenvolvimento”, corrigido por Manuel Correia de Andrade, com anotações escritas à mão. Arquivo IEB/USP, Fundo Manuel Correia de Andrade, código de referência MCA-TEX-096

Manuel Correia de Andrade realizou viagens de pesquisa a países da Europa, África, aos Estados Unidos e ao Japão. Interessava-se por questões ambientais e sociais no contexto internacional. No texto “O inferno no paraíso”, comenta o furacão Katrina nos Estados Unidos, ocorrido em agosto de 2005:

O mundo deve ter ficado pasmo com as informações que recebeu, através da imprensa falada e escrita, do caos que se instalou em alguns estados norte-americanos, Luisiana e Mississippi, sobretudo, nos fins de agosto e início de setembro, causado pela passagem do furacão Katrina. Não se podia imaginar que a maior nação do mundo, a mais rica, a mais poderosa, a que quer impor o seu padrão e as suas regras de vida à humanidade, fosse tão vulnerável aos efeitos de uma catástrofe natural, em grande parte provocada pelos desequilíbrios ecológicos que ela própria provoca.

O INFERNO NO PARAÍSO.

Manuel Correia de Andrade.

O mundo deve ter ficado pasmo com as informações que ^{receberam} vem recebendo, através da imprensa falada e escrita, do caos que se instalou em alguns estados norte-americanos, ^{substituído} Luisiana e ^{substituído} Mississippi, ^{substituído} nos fins de agosto e início de setembro, causado pela passagem do furacão ^{substituído} Catarina. Não se podia imaginar que a maior nação do mundo, a mais rica, a mais poderosa, a que quer impor o seu padrão e as suas regras de vida à humanidade, fosse tão vulnerável aos efeitos de uma catástrofe natural, em grande parte provocada pelos desequilíbrios ecológicos que ela própria provoca. Não é demais lembrar que quando quase toda a humanidade clamava contra a poluição desenfreada da atmosfera do planeta, como resultado, em grande parte, do desenvolvimento industrial acelerado e inconseqüente das grandes nações, e pedia medidas que contivessem ou disciplinassem este crescimento, os Estados Unidos, o país que é o maior poluidor da superfície terrestre, se recusou a assinar, como aconteceu com o famoso protocolo de Kioto, que conclamava as grandes nações poluidoras a moderarem a sua ação daninha e ^{incorreram} ~~incorrem~~ os custos dos prejuízos que fazem à humanidade.

Mas o governo americano, que se arvora em *gendarme* da humanidade, intervindo em países mais fracos quando seus interesses estão em jogo, levando ao desespero e à morte de milhares de pessoas, como ocorreu recentemente no Afeganistão e no Iraque, e ameaça acontecer no Irã, não só foge à sua responsabilidade diante de suas atitudes agressivas, como também, dentro de seu próprio território se mostra incapaz de dar assistência e apoio aos seus habitantes. E o que se viu foi a tragédia de Nova Orleans, cidade histórica da Luisiana, situadas em terras baixas da planície do Mississippi, defendida, em numerosos dos seus bairros, por diques artificiais, que as autoridades não vinham conservando, o que provocou uma tremenda inundação e a invasão de numerosos bairros pelas águas que deviam estar represadas.

E ^{que} ~~normalmente~~ o que se viu ^{que} ~~foi~~ ficaram imobilizados os serviços de amparo e ^{que} ~~socorro~~ ^{também} aos habitantes atingidos pela inundação, ^{que} ~~que~~ tiveram suas casas e seus bens carregados pelas águas, e o que é pior, deixando de receber os serviços ~~mas~~ ^{essenciais} ~~essenciais~~ como água, luz, e sem falar em alimentos. Viam as águas entrando em suas casas mas não ^{disponham} ~~disponem~~ de água para beber e para o próprio abastecimento e estão correndo o risco de propagação de moléstias, muitas delas desdenhosamente chamadas

①

Figura 8 – Início do texto O inferno no paraíso, ainda sendo corrigido por Manuel Correia de Andrade, com anotações escritas à mão. Arquivo IEB/USP, Fundo Manuel Correia de Andrade, código de referência MCA-TEX-094

Em “Incompetência e corrupção”, Manuel Correia de Andrade volta a sugerir leituras literárias para entender realidades geográficas e sociais. No caso, indica obras sobre a África:

No momento em que o Brasil expande a sua área de influência, através do Atlântico, e se volta para a África, procurando substituir Portugal em sua presença comercial e cultural, é de bom tom que os brasileiros leiam mais os autores africanos ou os que,

INCOMPETÊNCIA E CORRUPÇÃO

Manoel Correia de Andrade

No momento em que o Brasil expande a sua área de influência, através do Atlântico, e se volta para a África, procurando substituir Portugal em sua presença comercial e cultural, é de bom tom que os brasileiros leiam mais os autores africanos ou os que, nascidos em outros continentes, viveram e escreveram ou escreverem sobre a vida naquele continente, que exercu tão grande influência em nosso país e ao qual estamos ligados por laços culturais e políticos.

Baseados nessa idéia é que achamos muito oportuna a leitura do livro do jornalista polonês, Ryszard Kapuński, intitulado O Imperador, no qual ele analisa o fim do império de Haile Selassié na Etiópia. Este país, com mais de um milhão de quilômetros quadrados e uma população superior a setenta milhões de habitantes, é povoado por indivíduos de várias etnias, os oromos, os aimarás, os tigrinos e por uma minoria somali; A sua importância deriva de sua antiguidade como estado e de ser formado por uma população predominantemente cristã, copta, embora com um expressivo número de islamitas. Segundo a tradição, o seu primeiro imperador, Menelik I, era filho do sábio rei judeu, Salomão, com a bela rainha de Sabá, a que fez uma longa viagem pelo deserto árabe, a fim de conceber um filho do sábio rei bíblico. Mas o país tornou-se famoso também por ter sido um ponto de atração para os portugueses por ocasião dos descobrimentos marítimos, quando teria sido governado pelo príncipe Prestes João, que estaria em pleno “chifre da África” lutando pelos cristãos contra invasores árabes e muçulmanos. Ainda ficaria célebre, nos fins do século XIX, quando o imperador Mehelik II, derrotando os italianos que haviam conquistado a Eritreia e parte da Somália, procurava formar um império na África Oriental.

Ao se iniciar o século XX, a Etiópia e a Libéria eram os dois únicos países independentes no continente africano, sendo os demais vassalos, como colônias ou protetorados de potências coloniais européias. Ocorre, porém, que em 1936, Mussolini, no seu sonho colonialista, invadiu a Etiópia e, utilizando a sua superioridade bélica e financeira, conquistou o país, provocando a fuga do imperador para a Inglaterra, e dominando despoticamente a população. Haile Selassié, que assumiu o poder em 1930, graças a um golpe palaciano, e que amava o exercício do poder, não foi para o campo

i
j / s

H

Figura 10 – Início do texto “Incompetência e corrupção”, ainda sendo corrigido por Manuel Correia de Andrade, com anotações escritas à mão. Arquivo IEB/ USP, Fundo Manuel Correia de Andrade, código de referência MCA-TEX-092

Manuel Correia de Andrade foi um pesquisador multidisciplinar e interdisciplinar. Pela sua formação em Direito, Geografia e História, pelas pesquisas e estudos no exterior, pelas pesquisas de campo no Nordeste, pelas reflexões sobre questões internacionais e pelo pioneirismo ao tratar de temas ambientais e temas decoloniais, construiu uma intensa carreira intelectual e profissional, atuando na docência em escolas, na universidade e também na administração pública, sempre registrada em uma enorme produção bibliográfica.

Podemos rememorar outro autor relacionado ao universo do sertão: Euclides da Cunha. Nas palavras de Walnice Nogueira Galvão:

Ainda mais, o Modernismo vai dar continuidade a algumas das preocupações de Euclides com os interiores do país e à macaqueação europeia nos focos populacionais litorâneos. Partilha igualmente com ele a reflexão sobre a especificidade das condições históricas do país, na medida em que já em *Os sertões* Euclides realizara um mapeamento de temas que se tornarão centrais na produção intelectual e artística do século XX, ao debruçar-se sobre o negro, o índio, os pobres, os sertanejos, a condição colonizada, a religiosidade popular, as insurreições, o subdesenvolvimento e a dependência. Aí ficam suas raízes não só o Modernismo mas também o romance regionalista de 1930 e o nascimento das ciências sociais no país na década de 1940. (GALVÃO, 2019, p. 617).

Euclides da Cunha foi um pioneiro, assim como Manuel Correia de Andrade, que começou suas vivências de pesquisador antes da metade do século XX e chegou ao século XXI discutindo os grandes problemas da humanidade, enquanto construía uma das principais coleções bibliográficas brasileiras. Euclides da Cunha e Manuel Correia de Andrade, dois brasileiros, duas presenças fundamentais.

SOBRE A AUTORA

DULCILIA HELENA SCHROEDER BUITONI é professora titular de Jornalismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). Atualmente é professora sênior do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/USP), onde realiza pesquisas, ministra disciplinas no Programa de Pós-graduação Multidisciplinar em Culturas e Identidades Brasileiras e orienta mestrandos.

dbuitoni@uol.com.br

<https://orcid.org/0000-0003-2695-5529>

REFERÊNCIAS

AMOROSO, Marta; IUMATTI, Paulo Teixeira. A construção de uma Biblioteca na trajetória de Manuel Correia de Andrade. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 60, abr. 2015, p. 199-210. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901X.voi60p199-210>.

GALVÃO, Walnice N. Fortuna crítica. In: CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. Edição crítica e organização: Walnice Nogueira Galvão. São Paulo: Ubu Editora/Edições Sesc São Paulo, 2019, p. 616-623.

PROJETO Manuel Correia de Andrade. Disponível em: <https://sites.usp.br/pmca>. Acesso em: nov. 2023.